

APRESENTAÇÃO

Alexsandro Rodrigues
Debora Oyayomi Araujo

Acontecimento, furo no tempo, pedra no caminho, piscadela de canto de olho, espiada no que nos parece familiar, susto, espanto, beijo nas mãos, bandeira hasteada, canto de cigarra, memória pirilampo, cheiro de terra, um caso, um conto, sol com chuva, encontros. Baforada de cachimbo, comigo-ninguém-pode, espinhela caída, bambu trincando, olha quem vem lá no portão, pé rachado, pimenta malagueta, fogo, casca de cobra, asa de morcego, cabra-cega, dente no telhado, panela de ferro, farofa e dendê.

Essas crianças que tanto falam em nossos ouvidos e aquecem nossos corações, gostam de nos pregar peças! Benditas sejam as crianças! Com as crianças que nos desassossegam e bagunçam nossos confortáveis modos de compreender a vida é que aqui abrimos tempo e espaço para conversas endereçadas com os processos de descolonização da criança entre o sagrado e o profano. E nesse desassossego, por sabermos que não estamos sós, reunimos companhias feiticeiras, para conosco continuar nessa aventura com as crianças que somos, fomos e as que nunca seremos. Mas que, ao nos cutucar com suas presenças alteritárias, nos espiando por debaixo da samambaia, fazem a ronda e andam livremente por aí. Crianças demasiadamente reais, espanto, espirro, pó de mico, ficção, fabulação, crianças de outros mundos, entremudos, trans-atlânticas, que não cabem em si, em macumbarias, encantarias e magias. Criançando em criações, soltando as mãos do desenvolvimento infantil e da guarda colonizadora de nossa obsessão por um futuro igual, profanam em ato o que sempre nos pareceu aí estar.

Em encontros feitos de palavras soltas, carregadas de afetos que não se prendem em convenções, mas possuem intenções, é que nos colocamos a desejar como criança e exercício político, a organização desse Dossiê. Lá onde as palavras nos fazem cócegas, fogem e deixam vestígios com cheiro de terra molhada é que nos colocamos em andanças e fizemos convite a outras pessoas na ampliação do debate com a criança em

práticas profonadoras. Nas parcerias com pensamentos nada convencionais aos modos dos estudos queer, das infâncias descolonizadas, decoloniais, estudos da diferença, dos cotidianos, do cinema e étnico-raciais. Estas apostas políticas nos ajudaram a provocar presenças feiticeiras de narrativas não qualificadas para a problematização da criança e do sagrado. Não queríamos, desde nossos primeiros fios de conversas, andar por caminhos confortáveis, onde as antas se tornam presas fáceis e as velas de sete dias fazem a queima lentamente de corpos e subjetividades que não se conformam com as práticas e saberes colonizadores. Queríamos fazer trilhas, andar pelas encruzilhadas, aparecer e desaparecer como rizomas por entre as crianças e suas histórias. Com tudo isso, que não é pouco, criançando-nos, perguntávamos: o que pode uma criança nos ensinar ao profanar os processos educativos no que eles possuem de sagrado? No convite disparado, deixamos impressões e aberturas para o que poderia vir a ser este Dossiê. Nossa provocação, dizia:

Desde o século XIX, temos acompanhado importantes processos de lutas a favor da produção de um mundo mais humano, mais justo e diverso. Na produção desse mundo possível, as práticas e saberes religiosos, os mais diversos, se põem em disputa de narrativas e de práticas, afirmando e produzindo ruídos no projeto da modernidade branca e judaico-cristã. Diante lutas travadas de tempos dentro de tempos, encontramos narrativas que nos dizem ‘do fim da escravidão’, ‘da emancipação dos povos colonizados’, ‘da mudança no estatuto da mulher na sociedade’, ‘da ampliação de direitos civis de grupos minoritários e subalternizados’ e da ‘possibilidade de existir com dignidade fora do eixo dos saberes e poderes cristãos’. Diante de significativos avanços no campo do direito de existir na diferença, uma forma-sujeito, especificamente a criança, parece se manter impedida, mediante poderes colonizadores e pastorais de existir em outra condição criança e de nos contar/provocar outras versões sobre si e sobre nós. Nesse sentido, aqui nesse Dossiê nos perguntamos, não terá chegado a hora de alçar a criança a um novo estatuto narrativo, porque vivido? O que as práticas e saberes religiosos de crianças com seu mundo, podem nos dizer. Este Dossiê ousa pensar/desejar/rememorar e narrar as crianças e infâncias entre práticas, saberes, cosmovisões, epistemologias, que se produzem na contramão do projeto moderno de conformação e colonização da infância pelos adultos a partir de uma única versão possível de humanidade e de sagrado. Contar e problematizar o que somos, entre práticas crianceiras no manuseio dos saberes religiosos é o que nos faz, nesse Dossiê, provocar o convite de bons pensamentos!

O convite produziu efeitos como encantaria e mobilizou criancerias inconformadas, que se colocaram em conversas bonitas e expansivas sobre o pensar/desejar/problematizar as possibilidades de descolonização das crianças. Mas,

não só isso! Nos interessava também compreender “o que pode uma criança nos ensinar”.

Sabemos, a partir de um saber de experiência com as crianças que não nos pertencem, que elas podem nos ensinar com presenças que não cabem nos manuais dos bons comportamentos das narrativas judaico-cristãs e da boa pedagogia. Não nos esquecemos, como prática de profanação que a modernidade e seu projeto colonizador, que a ciência ao ser sacralizada, como no religioso, fez cumprir práticas que se assemelham ao igrejeiro, contribuindo para epistemicídios, genocídios, racismos, sexismos e para as intolerâncias diversas que desqualificam a diferença e as organizam em condições desiguais.

Com coragem de criança que solta as mãos de seus cuidadores, da polícia dos adultos, de seus mestres e mentores e das instituições de sequestros, autores e autoras, com as singularidades que marcam suas investigações e seus interesses com as crianças, trouxeram para este Dossiê conversas afiadas e provocações que nos permitem afirmar a impossibilidade de aprisionamento do nascimento e do aparecimento. Como ervas daninhas, a novidade criancieira tem a capacidade de produzir fissura que profana a norma e a moral adultocêntrica.

Nas conversas que aqui se fazem acontecer, as crianças desfilam entre nós, entre mundos, entre corpos, entre gêneros e sensações permeadas por cosmosensações que não se explicam com meias palavras. Ah, as crianças que desfilam nesse dossiê possuem a capacidade de destruir mundos e reconstruí-los logo na frente. Fazem antropofagia do sagrado e, profanando, cospem sumidouros de mundos e, sumindo, ampliam os sentidos polifônicos desse Dossiê. Bordando narrativas, as crianças transbordaram!

Na multiplicidade dos quinze artigos deste dossiê, as conversas foram organizadas em quatro eixos complementares. São eles: 1 – Práticas profanadoras de mundos e saberes de experiências com o sagrado das/com as crianças; 2 – Escola, currículos, docências e outras histórias; 3 – Literatura, filosofia e políticas em afroperspectivas: outros mundos possíveis; e 4 – Questões do cinema, de arte, gênero, sexualidade, branquitude e educação: o que vem depois?

Como acreditamos que somos feitos de palavras em encantaria, desejamos a você leitora e a você leitor bons encontros com essas crianças em resistências criativas, forjadas na oportunidade do acontecimento e que aqui comparecem em atos de profanação com as práticas colonizadoras, com as ciências, com a modernidade, com o